

## Os "Girouettes"

---

LUIZ BARROZ

"Girouette" é uma palavra francesa que significa cata-vento, ventoinha. Como figura literária designa as pessoas inconstantes e ligeiras. Entre nós, quer dizer vira-casaca e camaleão.

No domínio da política, *girouettes* constituem verdadeiras legiões. E se tornam uma fauna inextirpável. Adaptam-se a todos os governos e a todos os regimes. Servem ao governo enquanto este permanece no poder. Desde, porém, que haja mudanças, eles mudam também, apedrejando os ídolos da véspera e passando a endeusar, entusiasticamente, os novos potentados do dia . . .

Em 4 de abril de 1814, Napoleão Bonaparte abdica o trono da França e vai para a ilha de Elba. Imediatamente os *girouettes* passam de bonapartistas a realistas, quando Luiz XVIII ocupa o governo. Mas, em 28 de fevereiro de 1815, Napoleão sai da ilha de Elba e desembarca na França a 1.º de março de 1815, sem encontrar nenhuma resistência. Ocupa novamente o governo durante 3 meses e dias, os famosos 100 dias da história da França. Foi vencido em Waterloo a 17 de junho de 1815 e logo após exilado para a ilha de Santa Helena.

Nesse agitado período, os *girouettes*, depois do regresso da ilha de Elba, passam de realistas a bonapartistas. E, com Waterloo, com a máxima naturalidade, se tornam, novamente,

furiosos realistas. E, como observa André Maurois, na sua magistral biografia de Chateaubriand, quando se dá a 2.<sup>a</sup> restauração de Luís XVIII, os que mais gritavam — Viva o Rei!, nas ruas de Paris, eram os ex-bonapartistas. . .

Certa vez Cromwell, o vitorioso Lorde Protetor da Inglaterra, regressou de uma viagem para Londres, sendo muito aclamado. O povo se aglomera ao redor do palácio pedindo para vê-lo. Um ajudante-de-ordens do ditador vai lhe dizer que toda a cidade de Londres exigia a sua presença. Ao que ele retruca de mau humor: “Se fosse para me enforcar, eu creio que ainda viria mais gente. . .”

No Brasil as cousas sempre se passaram neste mesmo diapasão. Em 1888, após a abolição, e restabelecido de grande enfermidade, D. Pedro II regressa ao Brasil, onde teve entusiástica recepção. Franklin Américo de Meneses Dória, Barão de Loreto, organiza um “Álbum Imperial” a propósito desse regresso. Colaboraram, entre outros, no ilbum, o Barão de Lucena, futuro primeiro ministro do marechal Deodoro da Fonseca, o almirante Barão de Jaceguai, que, após a república, renunciou ao seu título, mas passou a se assinar Artur Jaceguai, naturalmente, por ser nome mais sonoro e José do Patrocínio, o mesmo que a 15 de novembro de 1889 havia de proclamar a república na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. . .

Com a proclamação da república no Brasil, choveram adesões ao novo regime, principalmente daqueles que mais haviam se distinguido na administração e na política do Império. Disse Carlos de Laet com a sua habitual mordacidade e delicioso humorismo: “Com geral espanto se verificou que, mesmo entre os conselheiros e amigos íntimos do Imperador, tudo tinha nascido republicano! Os que na véspera iam ao paço mendigar sorrisos e até esmolos mais positivamente valorizadas, entraram a despejar epinícios ante a figura triunfal de Deodoro. Felizmente, a natureza, pródica sempre, tinha-lhes feito a esses sujeitos uma coluna vertebral composta de ossinhos habilmente articulados e com flexibilidade prodigiosa. A isto se deve não se lhes ter partido a raque, o que em verdade seria pena.”

E remata o admirável panfletário e combativo homem de imprensa: “Muitos desses adoradores do triunfo já lá se foram *ad patrem*. . . Ah! também as lesmas morrem, e bem se compreende que, se apenas morressem os homens de caráter, brevemente o planeta ficaria inabitável! . . .”

Como se sabe, o marechal Deodoro da Fonseca morreu no mais completo ostracismo. Nunca ninguém se lembrou de visitar o seu túmulo no Dia de Finados. Mas quando o marechal Hermes da Fonseca, seu sobrinho, foi alçado à Presidência da República, em 1910, a situação mudou completamente. No Dia de Finados o túmulo do marechal Deodoro foi visitadíssimo e coberto e recoberto de coroas de flores. Rui Barbosa, a esse respeito, publica um violento artigo censurando o tartu-fismo e hipocrisia dos “desinteressados” amigos do Presidente e admiradores incondicionais do proclamador da República.

Quando o marechal Hermes deixou o governo, ninguém mais se lembrou de visitar o túmulo do marechal Deodoro no Dias de Finados. . .

O senador Pinheiro Machado, *condottiere* da política do Brasil na primeira República, supria a sua falta de cultura com um profundo conhecimento dos homens e das cousas. Foi, inquestionavelmente, o maior vulto político da chamada “pátria velha”. Certa vez, numa antevisão do seu trágico fim, disse em uma roda de íntimos, que esperava morrer assassinado, como Júlio César, no Senado de Roma. Ao que um áulico responde: “Nesse dia haveria uma hecatombe”. E o grande caudilho lhe responde: “Sim, se o golpe falhasse. . .”

Pinheiro Machado foi assassinado em 1915. E sua digna viúva, na missa de 1.º aniversário de sua morte, disse a um repórter que ali não foi quase ninguém. . .

Para não sair do Ceará, conta-se que antes da revolução de 3 de outubro de 1930, certo cavalheiro era assíduo frequentador do palácio do governo (maravilha, na terminologia de época) e se apresentava como ardoroso legalista. Com a revolução tudo muda e o homem também mudou. Logo após os acontecimentos de 8 de outubro de 1930, foi visto em plena Praça do Ferreira, de lenço vermelho no pescoço, dando vivas à revolução. Um seu conhecido, não podendo sopitar a in-

dignação, verbera em termos enérgicos a atitude do *girouette*, lembrando-lhe o seu recentíssimo passado de amigo do governo deposto e de fervoroso legalista. Mas o novo revolucionário não se desconcerta e retruca com admirável sangue frio: “Se eu freqüentava o palácio era para ver se descobria alguma coisa para transmiti-la ao alto comando revolucionário. Eu sempre fui espião da revolução. . .”

Os *girouettes* não se embaraçam com coisa alguma. Elogiam, imoderadamente, todos os governos. Mas, desde que a pessoa deixe o poder, é depressa esquecida, regra mais geral. Se a conjuntura é outra, então, passa a ser atacada de todos os modos por aqueles mesmos que tantos elogios e rapapés lhe dispensavam há pouco.

Carlos de Laet, em uma quadra célebre, fixou o tipo inconfundível do *girouette*:

*Conforme as voltas do mundo.*

*Grita o Olegário com tino*

*Viva D. Pedro Segundo!*

*Viva o Manoel Vitorino!*

Para o *girouette*, o maior crime que um cristão pode cometer é deixar o poder. Tal delito é imperdoável e nunca encontrou qualquer justificativa. Aliás, já observava José Veríssimo, com admirável propriedade, que, em política, só são criminosos os vencidos. . .

Tal fato é de todos os tempos e lugares.

Após a Revolução Inglesa e a execução do rei Carlos I, Cromwell implanta uma ditadura puritana disfarçada com o rótulo de república. Depois da morte do ditador, o general Monk restaura a monarquia e o filho do rei decapitado, Carlos II, volta ao poder. Teve em Londres uma recepção colossal. E ao ver tantas manifestações, vivas e aplausos, o novo soberano observa com fina ironia: “Se eu soubesse que era tão estimado assim, há muito que tinha regressado a Londres.”

A filosofia do *girouette* é superdinâmica. Aceita qualquer mutação. Defende qualquer programa. Ataca ou elogia com a mesma fleuma com que um paciente colecionador arruma

selos ou moedas. Só admira o sucesso e a vitória na árdua e penosa tarefa de escalar o poder. As idéias e os ideais são sempre incômodos e, por vezes, perigosos. E o resto é silêncio.

Há u'a modinha que, sem ter qualquer intuito político, retrata ao vivo o caráter do *girouette*:

*Vira pra cá*  
*Vira pra lá*  
*Vira outra vez*  
*Torna a virar.*

E, realmente não há dúvida alguma. Os *girouettes*, através das vicissitudes ocorridas em todos os tempos e lugares, nada mais têm feito que seguir, ao pé da letra, esta modinha, que condensa assim toda uma filosofia política...